

Área Temática 15:

Línguas Indígenas

Abordagem epilinguística na construção de gramática pedagógica da língua indígena Karajá

Autores: Cristiane Oliveira da Silva ¹, Chang Whan ¹
Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O Projeto de Produção de Gramáticas Pedagógicas de Línguas Indígenas, que fez parte do Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas do Museu do Índio, apoiado pela UNESCO, produziu quatro Gramáticas Pedagógicas (GPs), das línguas Wapichana, Ikpeng, Kaiabi e Karajá, com o propósito de apoiar a educação escolar indígena destes povos. A produção dessas gramáticas visa ajudar os professores indígenas e seus alunos, enquanto falantes nativos, a refletir e ganhar consciência sobre o funcionamento de suas línguas (Oliveira et al., 2014). A metodologia utilizada para a confecção de unidades das GPs parte de teorias amplamente empregadas na área de linguística aplicada (VanPatten, 2007) em que se apresenta de forma destacada (input enhancement) a forma regular, recorrente, do fenômeno gramatical abordado dentro de uma abordagem comunicativa, a partir de exemplos de uso contextualizados. As reflexões sobre os aspectos gramaticais destas línguas são de caráter epilinguístico, segundo conceito proposto por Carlos Franchi (1987), intuitivas, centradas em “situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística”. Diferentemente das gramáticas tradicionais, as gramáticas pedagógicas do projeto demonstram que o estudo de língua nas escolas prescinde de uma metalinguagem técnica e rebuscada, como já tem sido chamado atenção por muitos linguistas aplicados (Willis and Willis, 1996). O pôster proposto pretende apresentar uma unidade da Gramática Pedagógica da Língua Karajá construída segundo os preceitos apresentados. Referências: VanPatten & J. Williams (eds.), *Theories in Second Language Acquisition*, Mahwah, NJ: Routledge, pp. 75–199. Murphy, R. (2004). *English Grammar in Use*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. Oliveira, C.; Amaral, L. A.; Maia, M. (2014). Palavras –bo em karajá: como transmutar análises formais em material pedagógico. *Cadernos de Educação Escolar Indígena*. v. 11, n.1, p. 69-86. Willis, J. & D. Willis (1996). *Challenges and Change in Language Teaching*. Oxford:UK: Heinmann._____. (1997).

Palavras-chave: Karaja, educação indígena, linguística aplicada, gramática pedagógica, ensino de língua

Alomorfia em prefixos possessivos na Língua Aweti

Autores: Gustavo Guilherme da Silva ¹
Instituição: ¹ UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo

Resumo: Neste trabalho serão estudados fenômenos de alternância na realização dos morfemas prefixais possessivos da língua aweti (Tupi), mais precisamente, serão observadas alomorfias e seus condicionamentos. A análise será amparada pelo modelo teórico da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993). Tal análise pretende explicitar os processos subjacentes na formação dos prefixos. O projeto se propõe a apresentar as seguintes contribuições: em primeiro lugar, o estudo se somará ao escasso número de pesquisas sobre línguas indígenas brasileiras. Segundo Moore e Storto (1991), dentre cerca de 200 línguas indígenas faladas no Brasil, apenas 80 a 100 foram contempladas com algum estudo acadêmico e somente 10 a 20% do total foram objeto de descrição gramatical. Além disso, a pesquisa pretende contribuir para o desenvolvimento do modelo teórico da Morfologia Distribuída. Apesar de ter sido proposto há algumas décadas, a teoria está em constante desenvolvimento, beneficiando-se de trabalhos de pesquisa como este. A metodologia do estudo será dividida em três partes: o levantamento bibliográfico de ocorrências dos prefixos de posse; a análise dos fenômenos morfofonológicos presentes nos dados, e o tratamento dos fenômenos de acordo com o modelo teórico da Morfologia Distribuída. Ao fim da pesquisa, espera-se um maior entendimento sobre a língua e o fenômeno da alomorfia, contribuindo para os estudos da linguagem em geral.

Palavras-chave: alomorfia, prefixos, Aweti, morfologia distribuída

A ordem dos constituintes em Akwẽ-Xerente: reflexões a partir do contato

Autores: Rodrigo Mesquita ¹

Instituição: ¹ UFRR - Universidade Federal de Roraima

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a descrição e análise de aspectos do contato entre as gramáticas da língua Akwẽ-Xerente (família Jê, tronco Macro Jê) e da língua portuguesa, com foco especial na sintaxe, ou mais especificamente, na ordem dos constituintes da língua indígena. Estudos realizados sobre a ordenação do português brasileiro têm questionado a consideração mais tradicional sobre a predominância da ordem SVO (por exemplo, BOTELHO, 2010; PEZATTI e CAMACHO, 1997a, 1997b) e apontam para incidência de construções de tópico com padrões funcionais coocorrentes P1 SVO e P1 VSO, onde P1 é construção de tópico. A língua Akwẽ-Xerente tem sido apontada como predominantemente SOV (NIMUENDAJU, 1942; MATTOS, 1973; KRIEGER e KRIEGER, 1994; SOUSA FILHO, 2007 e BRAGGIO, 2013) e, como foi observado por Sousa Filho (2007), há ainda a ocorrência de constituintes com ordem variante SVO. Os dados de fala natural envolvendo o uso alternado das línguas Xerente e portuguesa, por indígenas Xerente, coletados inicialmente para análise do fenômeno code-switching (MESQUITA, 2015), apresentaram, como discutido neste trabalho, comportamento flutuante entre as construções sintáticas características de uma e outra língua. A partir de tais dados, levantam-se questões sobre o contato entre as gramáticas de línguas tipologicamente distintas e as possíveis relações com as características do contato assimétrico entre os indígenas falantes da língua minorizada – Xerente – e os não indígenas, juntamente com a língua hegemônica – o português.

Palavras-chave: língua Akwẽ-Xerente, português brasileiro, ordem dos constituintes, contato entre línguas

As construções com cópula plural em Karitiana (Família Tupi, Subfamília Arikém)

Autores: Tarcisio Antonio Dias ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo

Resumo: O objetivo central deste trabalho é o de apresentar as construções com cópula do Karitiana, uma língua indígena brasileira pertencente à subfamília Arikém da família Tupi. Os verbos copulares da língua podem ocorrer em diversos contextos sintáticos, a saber, em orações subordinadas, como nas construções de quantificação universal e nas construções demonstrativas, bem como em orações matrizes de modo declarativo (STORTO, 2014). Para todos os contextos acima referidos, é atestada a cópula em sua versão plural. Levando em consideração que o Karitiana é uma língua que não apresenta plural nominal, mas apenas pluracionalidade verbal para denotar multiplicidade de eventos (MÜLLER & SANCHEZ-MENDES, 2010), mostraremos como se dá a marcação de plural na cópula, um elemento comumente descrito na literatura como um verbo sem conteúdo lexical, presente apenas para marcar uma relação de predicação (ROTHSTEIN, 1995). À vista disso, observaremos a distribuição das formas plurais supletivas da cópula 'kii' e 'agngi', sendo esta restrita a contextos de oração matriz, e aquela restrita a contextos subordinados. A forma "default" da cópula, 'aka', por sua vez, ocorre em ambos os contextos. Os dados com construção de cópula com a forma "agngi" a serem apresentados foi por nós atestados em elicitación realizada em novembro de 2015 junto a dois colaboradores falantes nativos da língua Karitiana. Assim sendo, buscaremos demonstrar que a distribuição dos verbos copulares do Karitiana pode ser descrita em termos de uma alomorfa contextual (EMBICK, 2015). A seguir, seguem os itens de vocabulário (HALLE & MARANTZ, 1993) referentes à cópula ordenados do menos ('aka') para o mais especificado ('agngi'): ['aka' ⇔ [CÓP.]]; ['kii' ⇔ [CÓP.],[+pl]] e ['agngi' ⇔ [CÓP.],[+pl] / Tfinito].

Palavras-chave: cópula, pluracionalidade verbal, Karitiana

Comparação de acento em Kubeo e Português

Autores: Jullie Any Custódio Ferreira ¹

Instituição: ¹ UnB - Universidade de Brasília

Resumo: Este presente trabalho trata-se de um estudo fonético comparativo entre a correlação entre a manifestação do acento e padrões vocálicos nas línguas Kubeo e Português Brasileiro. O Kubeo sendo uma língua falada na região da bacia do médio Rio Uaupés e do alto Rio Aiari, que se encontra no Noroeste Amazônico e é fronteira entre Colômbia e o Brasil, próximo do município de São Gabriel da Cachoeira. Analisamos o comportamento das vogais em diferentes posições relativas ao acento, tanto em Kubeo quanto em Português Brasileiro, para averiguar como o acento afeta a realização fonética das vogais. Foram utilizados áudios gravados com falantes nativos de Kubeo, e para segmentar, nomear, dividir e

transcrever foram usados os programas ELAN, AUDICITY e PRAAT respectivamente. Os dados compreendem cerca de 150 palavras repetidas três vezes, sem interferências de vocábulos próximos, gravados através de uma pesquisa feita pelo Profº Drº Thiago Costa Chacon. A partir, dos Formante 1(F1) e Formante 2 (F2), retirados das palavras, foram elaborados gráficos para uma melhor comparação das realizações do acento entre as duas línguas. Demonstramos que o acento produz efeitos semelhantes de redução da qualidade vocálica em ambas línguas e que há o fenômeno da neutralização somente no Português Brasileiro.

Palavras-chave: acento, análise acústica, estrutura métrica, Kubeo, vogais

Estudo dos dialetos da língua Tupi-Kagwahiva

Autores: Osmar Marcoli ¹

Instituição: ¹ UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: O levantamento comparativo dos dialetos da língua Tupi-Kagwahiva (família linguística Tupi-Guarani) pretende documentar e comparar essa língua entre seus falantes, como também contribuir para a teoria linguística. Este trabalho é um estudo de corte qualitativo, baseado na coleta de dados, por meio de gravações, com falantes de dialetos da língua Tupi-Kagwahiva em suas próprias aldeias, e se destina a traçar um mapa das relações entre os distintos dialetos, a partir de pesquisa que investiga a fonologia e o léxico destes. A pesquisa aqui proposta visa contribuir para uma avaliação das relações internas ao conjunto de dialetos que compõem a língua Tupi-Kagwahiva por meio de comparação entre os respectivos sistemas fonológicos e seu funcionamento em cada dialeto. Ao descrever e explicar os fatos linguísticos da língua Tupi-Kagwahiva a partir de um estudo sistemático, a presente pesquisa também visará a construção de um léxico bilíngue extenso, que será utilizado futuramente em sala de aula pelos próprios professores indígenas, tanto como fonte de registro desta língua como também de pesquisa, fazendo-se necessária para qualquer estratégia de manutenção e continuidade da cultura e da língua desses povos. O levantamento comparativo fonológico e lexical dos dialetos da língua Tupi-Kagwahiva será constituído de raízes nominais e verbais da língua. A metodologia que sustentará esta investigação será baseada na pesquisa bibliográfica e no trabalho de campo por meio da pesquisa colaborativa. Esse levantamento estará orientado a permitir a avaliação das análises fonológicas existentes, realizando um confronto dos trabalhos conhecidos com os dados de trabalho de campo, à luz da perspectiva funcionalista da Escola de Praga (TRUBETZKOY [1939] 1969; JAKOBSON [1931] 2008; [1958] 2008) e dos estudos mais recentes sobre fonologia histórica das línguas Tupi, entre os quais, Rodrigues (2005; 2007).

Palavras-chave: língua indígena, Tupi-Kagwahiva, dialetologia

Os glides na língua Krahô (jê)

Autores: Raquel Palmeira de Oliveira ¹

Instituição: ¹ UFT - Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Esta pesquisa objetiva analisar e descrever os glides [j] e [w] em língua Krahô, que de acordo com dados do DSEI/Tocantins (2016), possui cerca de 3.118 falantes, distribuídos em 29 aldeias, na reserva indígena Krahôlândia, entre os municípios de Goiatins e Itacajá, a nordeste do Estado do Tocantins. Rodrigues (1986) classifica como pertencentes à Família Linguística Jê e ao Tronco Macro-Jê. Albuquerque (2016) descreve os glides como fonemas produzidos de forma semelhante às vogais altas /e/ e /u/, mas o contraste está em não assumirem a posição de núcleo da sílaba. Como metodologia de pesquisa, foram realizadas visitas técnicas à aldeia Manoel Alves Pequeno. Nossa pesquisa tem caráter etnográfico, levando em consideração os referenciais teóricos com base em ALBUQUERQUE (2011/2016); RODRIGUES (1986); CAGLIARI (2007); SILVA CRISTÓFARO (2007); entre outros. Preliminarmente foi possível constatar que os glides na língua Krahô, são representados pelos grafemas "J" e "W", que realizam-se como [j] e [w], formando ditongos, que podem estar localizados no acento ou declive da sílaba, conforme exemplos: impej / & #297;mp & #603;j/ (bom), cahãj /kahaj/ (mulher), auxêt /aw & #679;et/ (peba), awcapàt /awkap & #652;t/ (noite) e crow /k & #638; & #596;w/ (buriti), visto que podemos afirmar que, fonologicamente, [j] e [w] assumem a posição de glides, uma vez que não ocupam a posição de núcleo da sílaba na língua desse povo.

Palavras-chave: Língua Krahô, Glides, fonética e fonologia

O sistema vocálico do Nambikwara do sul

Autores: Luiz Antonio de Sousa Netto ¹

Instituição: ¹ UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar um panorama da constituição fonológica do sistema vocálico da língua Nambikwara, falada pelo grupo indígena homônimo que habita a Terra Indígena Nambikwara, localizada no estado do Mato Grosso. A língua Nambikwara do Sul integra um dos ramos linguísticos da família Nambikwara, considerada um isolado linguístico e uma das 41 famílias de línguas remanescentes no território brasileiro (RODRIGUES, 1986). De modo a realizar o objetivo proposto, o presente trabalho faz uso de descrições prévias acerca da fonologia da língua Nambikwara presentes nos trabalhos de Kroeker, M. (2001), Kroeker, B. (2003), Price (1976) e Lowe (1999), revisitando-os, e de dados coletados in loco pelo proponente do presente estudo. Para o estudo das vogais, o trabalho se apoia teoricamente nos trabalhos de Ladefoged & Maddieson (1996), Ladefoged & Disner (2012), Hyman (1975), Lass (1984), Clements (1995), Spencer (1986), Kenstowicz (1994) e Hayes (1995). Observa-se que, assim como constatado em estudos realizados sobre a fonologia de línguas integrantes da mesma família linguística como Latundê (TELLES, 2002; 2013) e Mamaindê (EBERHARD, 2009), a língua Nambikwara do Sul apresenta um inventário vocálico alargado, uma vez que são observados contrastes fonológicos entre vogais orais e nasais, bem como entre suas correspondentes que apresentam o traço laringal (creaky voice), traço este presente na fonologia de todas as línguas Nambikwara já estudadas (KROEKER, 2001; TELLES, 2002; ARAUJO, 2004; EBERHARD, 2009; BRAGA, 2012).

Palavras-chave: fonologia, línguas indígenas, Nambikwára

Predicados intransitivos e traço de controle em Paresi

Autores: Amanda Medeiros Costa de Mesquita ¹

Instituição: ¹ UFPA - Universidade Federal do Pará

Resumo: O Paresi é uma língua indígena falada pelo povo de mesmo nome, pertencente à família Aruák e falada por aproximadamente 3.000 pessoas na região do Mato Grosso. O objetivo deste trabalho é apresentar a classe de verbos no Paresi, a partir de dados obtidos através do banco de dados da língua e dados coletados com o falante em Belém, com ênfase nas construções intransitivas e sua relação com propriedades semânticas a exemplo do traço de controle. Comumente a classificação em línguas Aruák é feita em três classes verbais: transitivos, intransitivos ativos e intransitivos estativos. Porém em Paresi, os verbos são classificados de acordo com a valência verbal em transitivos, bitransitivos e intransitivos. Semanticamente, os verbos intransitivos podem ser classificados em agentivos, que recebem as marcas pronominais da série A e apresentam traços semânticos de eventividade, agentividade e controle, e não-agentivos, que recebem marcas pronominais da série B e não apresentam agentividade e controle (Brandão, 2014). Segundo Brandão (2016), além da agentividade, outras propriedades semânticas podem estar envolvidas na classificação destes verbos. Investigaremos a classe de verbos estativo e controle com base no trabalho de Basso (2004). Esta pesquisa contribuirá para uma reclassificação dos verbos intransitivos em Paresi e assim aprofundar a descrição da língua.

Palavras-chave: paresi, propriedades semânticas, verbos intransitivos

Prefixo {ete-} da língua Wayoro (Tupi)

Autores: Antonia Fernanda de Souza Nogueira ¹

Instituição: ¹ USP - Universidade de São Paulo, ² UFPA - Universidade Federal do Pará

Resumo: Um morfema causativo sociativo representa uma ação conjunta em que causador e causee realizam juntos uma mesma ação. Trata-se de um morfema comum na América do Sul, presente, por exemplo, em várias línguas Tupi (GALUCIO; NOGUEIRA, 2014; BIRCHALL, 2014). Galucio e Nogueira (2014) apontam para a presença do prefixo causativo sociativo {ete-} em Wayoro, fornecendo um dado no qual tal morfema é afixado ao verbo intransitivo {tera} 'ir', tornando-o um verbo transitivo com o sentido 'levar, ir com'. O presente trabalho pretende aprofundar a descrição do morfema {ete-}. As seguintes perguntas foram levantadas: (i) aplica-se aos demais verbos intransitivos? (ii) quais são as evidências de que se trata de um transitivizador? Para responder essas perguntas foram realizados testes de julgamento de gramaticalidade com relação à inserção do prefixo a outros verbos intransitivos, bem como a identificação dos prefixos pessoais que aparecem no verbo com {ete-}. Verbos transitivos, em Wayoro, indicam o objeto através de sintagma nominal ou de prefixos pessoais. Os resultados obtidos apontam para

uma análise de {ete-} como elemento transitivizador, uma vez que é possível encontrar, afixados ao verbo, marcadores pessoais de objeto. No entanto, tal prefixo se aplica a um grupo extremamente pequeno de verbos intransitivos, diferentemente do que ocorre com o prefixo causativo transitivizador {mõ--õ-} (NOGUEIRA, 2011). Dessa forma, é possível questionar: trata-se de afixo ainda ativo na língua ou, atualmente, integra a unidade da palavra? O corpus analisado foi obtido por meio de pesquisa de campo entre os anos de 2008-2016.

Palavras-chave: Língua Wayoro (Tupi), morfologia, causativo sociativo

Proposições preliminares do vocabulário galibi-marworno de curt nimuendajú

Autores: Uisllei Uillem Costa Rodrigues ¹

Instituição: ¹ UEAP - Universidade do Estado do Amapá

Resumo: Os índios Galibi-Marworno mantém suas aldeias na região de Oiapoque, no estado do Amapá; falam como língua materna uma variação do crioulo falado na Guiana Francesa (VIDAL, 2000), mais precisamente, o Khéoul, um dos denominados créoles guyanais (GRENAND, 2004). Apesar da língua ou línguas que foram faladas pelos grupos que formam hoje os Galibi-Marworno ter entrado em desuso há pelo menos 100 anos, existe um número expressivo de palavras da “língua antiga”, especialmente referentes à fauna e avifauna, que continuam sendo utilizadas, principalmente, em cantos xamânicos (FUNAI, 1998; VIDAL, 2001). O etnólogo Curt Nimuendajú (1833-1945), esteve no ano de 1925 entre os povos indígenas do rio Oiapoque, na divisa do Amapá com a Guiana Francesa e o relato de sua viagem, bem como os resultados de suas coletas e análises, foram publicados na obra *Die Palikur Indianer und ihre Nachbarn* (Os Índios Palikur e seus Vizinhos), em 1926. Ao final do seu relato, Nimuendajú, apresenta pequenos vocabulários do Palikur (aquele com mais itens), Galibi, Aruã e Maraon (duas palavras). Assim, esse estudo tem por objetivo analisar o registro de Curt Nimuendajú para o Galibi. Primeiro foi realizada uma análise grafemática do registro, seguindo uma segunda etapa, que trata especificamente de uma proposta de sistema fonológico da língua ou pelo menos do inventário de fonemas. Fundamentado em propostas como de Costenla (2000), Grannier-Rodrigues (1990) e Vasconcelos (2013). Anteriormente, a investigação grafemática do Vocabulário de Curt Nimuendajú foi abordada em Rodrigues (2015) e tal investigação dá alicerce para a análise fonológica. Por fim, ressalta-se a importância dos estudos sobre as línguas indígenas do Amapá, tanto das línguas faladas atualmente, quanto aquelas que foram faladas e que dispomos de registro. O estudo da história dessas línguas possibilita, entre outros resultados, compreender como os movimentos desses povos impactaram na atual configuração linguística da região.

Palavras-chave: vocabulário Galibí, línguas indígenas do Amapá, fonologia

Tipologia dos empréstimos linguísticos do PB ao Kaingáng

Autores: Fabiana Alencar da Silva ¹, Gean Nunes Damulakis ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Apesar de o Português ser a língua oficial, no Brasil existem mais de 150 línguas indígenas, o que demonstra que vivemos em um país multilíngue. No entanto, o contato entre essas línguas é pouco amistoso, uma vez que o prestígio da língua portuguesa – como a língua majoritária – é assegurado, levando a uma desvalorização das línguas indígenas, que são minoritárias. Assim, a situação linguística no país, apoiada nessa relação assimétrica, exhibe comunidades indígenas convivendo em diferentes graus de bilinguismo. Esse caso ocorre com a língua indígena Kaingáng (família Jê, tronco Macro-Jê, falada nos estados de SP, PR, SC e RS), cujo povo, em grande parte, é bilíngue, falando assim a língua autóctone ao lado da língua portuguesa. O contato com a língua majoritária leva, quase que invariavelmente, à adoção de empréstimos provenientes desta última por parte da língua indígena. Neste trabalho, objetivamos fazer uma análise tipológica dos empréstimos do Português ao Kaingáng através dos dados coletados em pesquisa de campo nas Terras Indígenas de Nonoai e Serrinha (RS) em agosto de 2016. Com base nas pesquisas de Haspelmath (2009) e Mesquista (2009), selecionamos 6 (seis) campos semânticos, a partir dos quais foram eliciados 95 itens através da nomeação de figuras representando elementos externos à cultura original dos povos indígenas. Apresentaremos nesta pesquisa os resultados preliminares que foram identificados, por exemplo, nos processos de criação interna (que ignoram material lexical da língua doadora), bem como nos de empréstimos lexicais. Para isso, pretendemos fazer um levantamento quantitativo das variações nos dados coletados verificando quais campos semânticos e quais itens demonstram ser mais suscetíveis à incorporação no léxico do Kaingáng. Desse modo, acreditamos contribuir para a manutenção dos recursos

linguísticos disponíveis na gramática do Kaingáng, mesmo diante da situação linguística desfavorável, na qual proliferam empréstimos do Português em seu léxico.

Palavras-chave: bilinguismo, empréstimos linguísticos, Línguas indígenas, Língua Kaingáng

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.